

Completivas de *para* no Português de Moçambique¹

Víctor Justino

victormerciajustino@gmail.com

Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique)

ABSTRACT: This paper analyses verb complements, finite and infinitival, introduced by *para* 'for' in Mozambican Portuguese (MP). In the analysed data, on the one hand, there is a tendency already studied and referred to in the literature (Issak 1998, P. Gonçalves 2002, 2010, a.o.), which consists of introducing finite complements to directive verbs by the preposition *para* and, on the other hand, the tendency not yet studied, which consists of introducing corresponding infinitival complements by the same preposition. These results reveal a tendency to standardize the c-selection properties of finite and infinitival complements of directive verbs. Furthermore, they allow to infer that *para* is a true preposition, as an alternative to previous analyses which have shown that *para* is a complementizer (Duarte 2003, Barbosa & Raposo 2013, A. Gonçalves *et al.* 2018) or it is as part of the conjunctive phrase *para que* 'for that' (see Barbosa 2013, for European Portuguese (EP)), and also as part of the complex complementizer *para-que* (see P. Gonçalves 2002, 2005, 2010, for MP). In MP, but not in EP, *para* complements selected by directive verbs can be taken up anaphorically by demonstratives like *isso* 'that' preceded by this preposition. Furthermore, the preposition *para* can also occur when directive verbs are constructed with nominal arguments. These facts favour the assumption that, in PM, the complements to directive verbs, finite and infinitival, introduced by *para*, are oblique complements and the preposition *para* is external to the complement clause/CP.

KEYWORDS: Finite Complements; Infinitival Complements; Directive Verbs; Preposition *para* 'for'.

RESUMO: Este trabalho analisa completivas de verbos introduzidas por *para* no português de Moçambique (PM). Nos dados analisados, verifica-se, por um lado, a tendência, já estudada e referida na bibliografia específica (Issak 1998, P. Gonçalves 2002, 2010, e.o.), que consiste em introduzir pela preposição *para* completivas finitas de verbos diretivos, e, por outro, a tendência, ainda não estudada, que consiste em introduzir por essa mesma preposição completivas não finitas correspondentes. Estes resultados revelam que existe uma tendência para uniformizar as propriedades de seleção categorial dos verbos diretivos, na complementação frásica. Além disso,

¹ Agradeço a Perpétua Gonçalves e a Augusto Soares a leitura da versão anterior deste texto e os comentários e sugestões que permitiram melhorar essa versão. Agradeço ainda aos dois revisores anónimos as críticas e sugestões e espero ter conseguido integrá-las devidamente; todos os erros são da minha responsabilidade.

permitem inferir que *para* é uma verdadeira preposição, em alternativa às análises de que é um complementador (Duarte 2003, Barbosa & Raposo 2013, A. Gonçalves *et al.* 2018) ou como parte da locução conjuncional *para que* (cf. Barbosa 2013 para o português europeu (PE)) ou como parte de um complementador complexo *para-que* (cf. P. Gonçalves 2002, 2005 ou 2010 para o PM). No PM, mas não no PE, completivas de *para* selecionadas por verbos diretivos podem ser retomadas anaforicamente por demonstrativos como *isso* precedida dessa preposição. Além disso, a preposição *para* pode igualmente ocorrer, quando verbos diretivos se constroem com argumentos internos nominais. Factos que efetivamente favorecem a assunção de que, no PM, completivas de verbos diretivos, finitas e não finitas, introduzidas por *para*, são complementos oblíquos e que a preposição *para* é externa à oração completiva/CP.

PALAVRAS-CHAVE: Completivas finitas; Completivas não finitas; Verbos diretivos; Preposição *para*.

1. Introdução

O Português de Moçambique (PM) é uma variedade do português, distinta do Português Europeu (PE), e, de acordo com os dados do Censo 2017, falada por mais de metade da população moçambicana, como L1 (16,5%) ou como L2 (41,6%) (Chimbutane *et al.* (no prelo)). Para além do português, que é a língua oficial, são faladas mais de vinte línguas bantu. Assim, na emergência e formação desta variedade do português, há que considerar o multilinguismo que decorre do contacto com as línguas bantu e uma 'espécie' de multilinguismo denominado *competências múltiplas*, que se manifesta através da alternância entre formas e estruturas do PE e formas e estruturas do PM (P. Gonçalves 2010, 2016).

O objetivo deste artigo é descrever completivas selecionadas por verbos que têm sentido diretivo, no PM. Para tal, recorreu-se essencialmente a dados extraídos do Dicionário de Regência de Verbos do PM (DRVPM) (P. Gonçalves & Justino (s/d)) e, adicionalmente, a dados de Moçambique extraídos do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. O DRVPM é uma base de dados constituída por verbos e frases, respetivas. As frases ilustram as propriedades de regência dos verbos distintas do PE padrão, estabelecido oficialmente como referência em Moçambique. Relativamente às completivas de verbos diretivos, a análise dos dados mostra que há uma tendência para introduzir completivas destes verbos, finitas e não finitas, pela preposição *para*. Estes resultados indicam que, no PM, existe uma tendência para a uniformização das propriedades de seleção categorial dos verbos

diretivos, na complementação frásica. Por outro lado, com base noutros argumentos empíricos a serem aqui apresentados, defende-se que *para* tem o estatuto de uma verdadeira preposição e que é externa à oração completiva. Estudos anteriores sobre o PM (P. Gonçalves 2002, 2005, 2010, e.o.) defendem que a preposição *para* é reanalisada como parte de um complementador complexo *para-que*. Já no PE, a preposição *para* tem sido analisada quer como uma conjunção *que*, juntamente com o complementador *que*, forma a locução conjuncional *para que* (Barbosa 2013: 1863), quer como um complementador, nas completivas não finitas selecionadas por alguns verbos declarativos (por exemplo, *dizer ou pedir*) (Duarte 2003, Barbosa & Raposo 2013 A. Gonçalves *et al.* 2018).

O presente artigo está organizado da seguinte maneira: em 2, a natureza dos dados e a metodologia de recolha e análise dos dados serão apresentados; em 3, sintetiza-se a literatura já disponível sobre as propriedades de regência de completivas objeto direto (OD) e oblíquas (OBL), do PE e PM; em 4, apresentam-se os resultados da análise dos dados, bem como os factos linguísticos que sustentam as seguintes hipóteses: (i) existe no PM uma tendência para uniformizar as propriedades de seleção categorial dos verbos diretivos e (ii), nas completivas de *para* do PM, *para* é uma verdadeira preposição; em 5, as conclusões principais deste artigo serão expostas.

2. Natureza dos dados e metodologia

Os dados que suportam a presente investigação foram essencialmente extraídos do DRVPM (P. Gonçalves & Justino (s/d)). Adicionalmente, considerou-se pontualmente dados do PM e PE extraídos do CRPC.

O DRVPM "insere-se numa linha de pesquisa qualitativa, contendo apenas dados de observação, orais e escritos, recolhidos em diferentes fontes a partir de 1986, nomeadamente (i) meios de informação moçambicanos (jornais, revistas, televisão); (ii) *corpora* incluídos em estudos sobre esta área do PM; e (iii) produções espontâneas de falantes moçambicanos, numa variada gama de situações." (P. Gonçalves 2020: 61). Esta base de dados é constituída por 413 verbos e 1221 frases, respetivas.² No DRVPM, as alterações que atingem a regência de orações completivas estão amplamente documentadas, fornecendo evidências sobre fenómenos já estudados e

² Cf. a versão do DRVPM publicada em <https://catedra.itcom.co.mz/drvpm> e consultada em 24/03/2023.

outros fenómenos e propriedades de regência que ainda não foram objeto de investigação. Quanto aos fenómenos já estudados, destaca-se a regência de orações completivas pelas preposições *de* e *para* (Issak 1998, P. Gonçalves 2002, 2010, 2013, e.o.):

- (1) a. Ele disse *de* que a Maria está cansada.
b. O chefe pediu *para* que retomassem o trabalho.

Quanto a fenómenos até agora não descritos, destaca-se a regência, por diferentes preposições (*a*, *para*, *de* e *em*), de completivas não finitas que, no PE, não são preposicionadas:³

- (2) a. A organização propõe-se *a* mobilizar a mulher.
b. Agora o município já não manda os camiões *para* recolher o lixo.

Como já referido, o objeto de estudo deste trabalho são completivas, finitas e não finitas, regidas pela preposição *para*, motivado, por um lado, pela ocorrência desta preposição num número significativo de verbos, 39 dos 73 verbos que, no DRVPM, selecionam complementos frásicos, e, por outro, pela necessidade de "preencher uma lacuna importante na descrição da regência de complementos frásicos, já que os estudos já realizados sobre este tópico tomam como base apenas complementos frásicos finitos" (P. Gonçalves 2020: 72). Para a obtenção dos dados relevantes, extraíram-se manualmente do DRVPM os contextos de ocorrência de completivas antecedidas de *para*. Examinado os dados obtidos, constatou-se: a ocorrência, num mesmo verbo, de completivas finitas e não finitas e, noutros, apenas de completivas finitas ou de apenas não finitas regidas por *para*. No quadro, a seguir, apresenta-se a lista de verbos que ilustram estas constatações.

³ Refira-se, no entanto, que as preposições mais usadas são *para* e *a*. As restantes ocorrem de forma residual: *de*, com 2 verbos, e *em*, com 3 verbos.

QUADRO 1 - Lista de verbos que seleccionam completivas de *para* no DRVPM

Verbos com completivas finitas e não finitas	Verbos só com completivas finitas	Verbos só com completivas não finitas
autorizar, convidar, dizer, informar, mandar, ordenar, pedir, propor, recomendar, solicitar e sugerir	agradecer, apelar, exigir, instruir, orientar, planificar, rogar e suplicar	aconselhar, admitir, confiar, convencer, combinar, comunicar, desejar, empenhar, encarregar, explicar, exortar, falar, incentivar, informar, implorar, instar, obrigar, requerer, reiterar, tentar e visar

Uma vez que as intuições do investigador, enquanto falante nativo do PML1, apontavam para a possibilidade de a maioria dos verbos do DRVPM, no quadro 1, poder seleccionar quer completivas finitas quer não finitas regidas pela preposição *para*, recorreu-se também a dados de Moçambique do CRPC. Neste *corpus*, foi possível identificar a contraparte não finita de verbos da segunda coluna do quadro 1, de que *orientar* é um exemplo (3), e a finita, para a maioria dos verbos da terceira coluna (cf. *aconselhar* em (4)).

- (3) A situação em relação aos animais selvagens é preocupante, uma vez que a direcção não pode *orientar* os camponeses *para* os abater, por serem protegidos pela lei. (PM, CRPC)
- (4) Ainda sobre este facto este mesmo casal que pratica o sexo antes do casamento, sempre *aconselha* aos filhos *para que* não o pratique antes. (PM, CRPC)

Ficaram excluídos da análise os verbos *agradecer* e *planificar*, por não termos encontrado no CRPC atestações com completivas não finitas regidas por *para*, e os verbos *admitir*, *confiar*, *combinar*, *comunicar*, *empenhar*, *encarregar*, *falar* e *visar*, por não estar atestado no *corpus* que podem seleccionar completivas finitas de *para*. Do ponto de vista sintático-

semântico, estes verbos foram excluídos por não codificarem uma atitude relacionada com um ato de fala diretivo e ainda por alguns dos verbos (e.g., *admitir, comunicar, falar, combinar e explicar*) não exigirem o conjuntivo no verbo da completiva, uma vez que, com base nos trabalhos de Issak (1998), P. Gonçalves & Maciel (1998), P. Gonçalves (2010), se mostrou que a tendência do PM para marcar completivas finitas por preposições *de* e *para* está relacionada com a atribuição do conteúdo semântico do complementador *que*: a preposição *para* é associada ao modo conjuntivo e a preposição *de*, ao indicativo.

Tendo em conta a natureza dos dados deste estudo: dados de observação, optou-se por uma pesquisa *qualitativa* (Larsen-Freeman & Long 1991, Mönnink 1999). Concretamente, um estudo pré-teórico, por ter essencialmente consistido em inferir indutivamente generalizações descritivas e encontrar hipóteses explicativas para a regência de completivas verbais pela preposição *para*, no PM.

3. Revisão bibliográfica

Da observação empírica dos dados do PM, constata-se que os verbos que admitem tanto completivas finitas como completivas não finitas, regidas por *para*, são verbos que têm (ou foram usados com) sentido diretivo. Neste trabalho, entende-se por diretivos os verbos que “designam atos de fala que representam ordens ou pedidos” (Barbosa & Raposo 2013: 1929). Tendo em conta a atitude relacionada com o ato de fala codificado por cada verbo e a relação gramatical da completiva (OD ou OBL), assumiu-se subdividir os verbos diretivos, apresentados no quadro 1, em duas subclasses:⁴

Diretivos que denotam uma ordem (ou simplesmente *declarativos de ordem*): *dizer, insistir, rogar, implorar, mandar, ordenar, pedir, solicitar, sugerir, suplicar*, etc.

Diretivos que denotam um incitamento: *aconselhar, apelar, autorizar, convencer, convidar, exortar, incentivar, instar, obrigar, propor*, etc.⁵

⁴ Nestas subclasses, considerou-se a relação gramatical da completiva verbal, de acordo com o PE. Os verbos *declarativos de ordem* selecionam uma completiva OD e os *diretivos que denotam um incitamento*, uma completiva OBL tipicamente regida pela preposição *a* (cf. Barbosa e Raposo 2013: 1934).

⁵ Os verbos *autorizar* e *obrigar* não denotam necessariamente um incitamento. Entretanto, foram incluídos neste grupo, e não no dos diretivos de ordem, por selecionarem uma completiva OBL.

No PE padrão, a completiva de verbos declarativos de ordem não é introduzida por qualquer preposição (Duarte 2003, Barbosa 2013, e.o.). É introduzida por *que*, quando a completiva é finita:

- (5) a. O João *disse* à Maria [*que* viesse à festa].
b. A Maria *pediu/exigiu* ao Pedro [*que* se demitisse].
(Barbosa 2013: 1863)

Quando a completiva é não finita, é introduzida por um elemento sem realização lexical (6) ou pela forma *para* com apenas alguns verbos declarativos (7).

- (6) a. Os funcionários *exigiram* (ao patrão) [∅ sair mais cedo].
(Barbosa & Raposo 2013: 1863)
b. Ele *mandou* as crianças [∅ sair do quarto].
- (7) a. Os pais *disseram* aos miúdos [*para* vir(em) para casa cedo]. (Duarte 2003: 621)
b. Os jornalistas *pediram* ao chefe de redacção [*para* mandar um repórter ao Médio Oriente]. (Duarte 2003: 621)

De acordo com os estudos sobre o PE (Duarte 2000, 2003; Barbosa & Raposo 2013, e.o.), a forma *para* que introduz as completivas não finitas selecionadas por *dizer*, *implorar*, *insistir*, *pedir*, *rogar* e *solicitar* tem o estatuto de complementador. Os factos que motivaram esta conclusão são essencialmente os seguintes:

Nas completivas finitas correspondentes, *para* não pode coocorrer com o complementador *que* (Duarte 2000, 2003):

- (8) a. *Os pais *disseram* aos miúdos [*para* que viessem para casa cedo]. (Duarte 2003: 622)
b. *Os jornalistas *pediram* ao chefe de redacção [*para* que mandasse um repórter ao Médio Oriente]. (Duarte 2003: 622)

Impossibilidade de retomar anaforicamente as completivas pela forma tónica de um dos pronomes demonstrativos neutros (mais comumente *isso*) precedidas de *para*:

- (9) a. *Os pais disseram aos miúdos *para isso*.
(*isso* = vir(em) para casa cedo.). (Duarte 2003: 622)
b. * Os jornalistas pediram ao chefe da redacção *para isso*.
(*isso* = mandar um repórter ao medio oriente). (Duarte
2003: 622)

No PE, a única forma de pronominalizar as completivas desses verbos é substituir toda a sequência que inclui *para* e a completiva por um pronome com a função de OD, como demonstrado em (10):

- (10) a. Os pais disseram-*no* aos miúdos.
(*no* = para vir(em) para casa cedo.). (Duarte 2003:622)
b. Os jornalistas pediram *isso* ao chefe da redacção.
(*isso* = para mandar um repórter ao medio oriente).

Em suma, apesar de a completiva não finita selecionada por *dizer*, *implorar*, *insistir*, *pedir*, *rogar* e *solicitar* ser introduzida por *para*, tem a relação gramatical de OD, e não uma relação de OBL (Duarte 2003, Barbosa 2013 e Barbosa & Raposo 2013).

No entanto, segundo Barbosa (2013: 1862), não é raro encontrarem-se exemplos em que *para* coocorre com o complementar *que* em completivas finitas selecionadas pelos verbos *dizer* e *pedir*, conforme atestam os exemplos em (11).

- (11) a. A minha mãe pediu-nos *para que* lhe marcássemos uma consulta. (CRPC, *A. Magalhães, Vampiro*) (Barbosa 2013: 1862)
b. Não foi isso que eu disse! Aliás escrevi uma carta a director do J. N. em que lhe dizia *para que* ouvisse a gravação. (CRPC, *O Independente*) (Barbosa 2013: 1862)

No PE, não só estão atestadas completivas de *dizer* e *pedir* regidas por *para* (11), mas também completivas de quase todos os verbos declarativos de ordem. A seguir, mencionam-se alguns exemplos extraídos de *corpora*:⁶

⁶ Note-se ainda que, nos *corpora* do PE, é atestada a ocorrência de *para* nas correspondentes não finitas destes verbos:

l. Exigiu ao clube carioca *para* retirar a queixa que instalou na FIFA. (PE, CRPC)

- (12) a. V. Ex.^a pensa *exigir* ao Governo *para que* se possa pôr em prática este projecto de lei. (PE, *CRPC*)
b. Uma testemunha ouviu Sandra *implorar para que* Neves não disparasse. (PE, *CRPC*)
c. O procurador sindicante *solicitou para que* ela pudesse ter um completo esclarecimento. (PE, *CRPC*)
d. Governo britânico *suplica* aos protestantes *para que* não retaliem. (PE, *CRPC*)

Nestes casos, admite-se, com Barbosa (2013), que apesar de a completiva ser introduzida pela preposição *para*, não é um complemento oblíquo. Não é possível substituir a completiva pelo pronome demonstrativo *isso* regido por *para* (cf. **escrevi uma carta ao diretor do JN em que lhe dizia para isso*, de (11a)), mas sim a completiva juntamente com a preposição (cf. *escrevi uma carta ao diretor do JN em que lhe dizia isso*, de (11a)). Deste modo, conclui-se que, em (11) e (12), a forma *para* está contida no interior da oração completiva. Ou seja, *para* não é uma verdadeira preposição, mas sim uma conjunção que, juntamente com o complementador *que*, forma uma locução conjuncional (*para que*) (Barbosa 2013: 1863).

Ao contrário das completivas de verbos declarativos de ordem, as completivas selecionadas por verbos que denotam incitamento são preposicionadas (cf. Duarte 2003, Barbosa 2013).

- (13) a. Os amigos *aconselham/ convidaram/ instaram/ incentivaram* a Maria a [não cantar].
b. Os amigos *aconselham/ convidaram/ instaram/ incentivaram* a Maria a [que não cantasse].

Nas completivas finitas destes verbos, a preposição precede obrigatoriamente o complementador *que* (13b). E, nesses casos, a não

II. O activista indonésio constatou ainda que Xanana "não está a implorar para ser libertado (PE, *CRPC*)

III. O Papa suplicou a todos os homens de boa vontade *para* não se cansarem de ajudar estas populações lançadas na estrada do êxodo e deixadas na miséria. (PE, *CRPC*)

Considerando que o uso de *para* está a sobregeneraliza-se a verbos que, do ponto de vista do PE padrão, são introduzidos por um elemento sem realização lexical, como *exigire suplicar*, deduz-se que, no PE, poderá haver um fenómeno de mudança linguística.

regência da completiva pela preposição respetiva origina, no PE, sequências agramaticais:

- (14) a. *Os amigos *aconselharam/ convidaram/ instaram/ incentivaram* a Maria [que não cantasse].
b. *Os amigos *aconselharam/ convidaram/ instaram/ incentivaram* a Maria [não cantar].

As completivas seleccionadas por verbos que denotam um incitamento (e.g., *aconselhar, convidar, instar, incentivar, forçar* ou *persuadir*) podem ser retomadas anaforicamente por *isso*, precedidas da preposição respetiva:

- (15) Os amigos *aconselharam/ convidaram/ instaram / incentivaram* a Maria *a isso*.
(isso = não cantar/que não cantasse)

Outro facto que sugere que, nestes casos, a completiva é OBL e que a preposição é externa à oração completiva é a possibilidade de ocorrência da preposição, quando os complementos desses verbos são sintagmas nominais. Os exemplos seguintes, extraídos de *corpora* do PE, ilustram este facto.

- (16) a. Governo entendeu dever *aconselhar* o Sr. Presidente da República *à* não promulgação... (PE, *CRPC*)
b. O veterano Walter Laqueur *convidava* os europeus *a* um exercício de imaginação. (PE, *CRPC*)
c. Schroeder *instava* os sindicalistas *a* uma cura de realidade. (PE, *CRPC*)
d. Veio outro colega do Norte e *incentivou-o* *à* luta. (PE, *CRPC*)

Em relação à regência de completivas por verbos no PM, os trabalhos já desenvolvidos tomaram como base apenas as orações finitas (cf. Issak 1998, P. Gonçalves 2002, 2005, 2010, 2013, Guissemo 2002). De acordo com estes estudos, há uma tendência para introduzir pelas preposições *de* e *para* completivas que, no PE, não são preposicionadas. A preposição *de* é usada com verbos que exigem o indicativo na oração

completiva (17a). Por sua vez, a preposição *para* é usada com verbos que exigem o conjuntivo (17b).

- (17) a. Ele *disse / achal vê de* que a Maria *está* cansada.
b. O chefe *disse / pediu para* que *retomassem* o trabalho.

Para P. Gonçalves (2002, 2005 ou 2010), nestes casos, as preposições *de* e *para* formam, com o complementador *que*, um complementador complexo, conforme a descrição estrutural que, a seguir, se apresenta:

- (18) a. Todo o mundo *vê* [_{CP} [_C *de-que* estamos em paz]]. (P. Gonçalves 2002: 342)
b. Sugiro [_{CP} [_C *para-que* se mude a lei]]. (P. Gonçalves 2002: 342)

De acordo com (18), o CP (oração completiva) é diretamente selecionado pelos verbos da frase superior (*ver* e *sugeri*), e não pelas preposições *de* e *para*, conservando assim o seu traço de seleção categorial [- CP] (Gonçalves 2010:180). "Um argumento em favor desta descrição estrutural reside no facto de os falantes do PM não produzirem frases em que os complementos não oracionais destes verbos estão realizados como SP" (P. Gonçalves, 2010: 180):

- (19) a. *Vi [_{SP} *de* [um acidente]]. (Cf. Vi [_{SN} um acidente].) (P. Gonçalves 2010: 180)
b. *Sugeriu [_{SP} *para* [uma viagem]]. (Cf. Sugeriu [_{SN} uma viagem].) (P. Gonçalves 2010: 180)

Antes de terminar esta secção, importa apresentar alguns resultados do estudo experimental sobre a aquisição de complementos de verbos causativos (que incluem *mandar* que neste estudo é interpretado como diretivo), no PM/L1, por crianças em idade pré-escolar (A. Gonçalves *et al.* 2018). Neste artigo, conclui-se que verbos causativos do PM exibem um padrão inovador: a estrutura [DP XP], onde XP corresponde a um domínio infinitivo, flexionado ou não, introduzido por *para* (20) ou *a* (21).⁷

⁷ De acordo com Augusto Soares (c.p.), estas construções são inovadoras apenas com sentido puramente causativo. O verbo *mandar* teria igualmente um sentido puramente diretivo. Para

- (20) a. ...mandou *os elefantes* para empurrar o carro. (4;5.24)
(A. Gonçalves *et al.* 2018: 308)
b. ...mandou *os filhos* para empurrarem o carro. (5;5.18) (A.
Gonçalves *et al.* 2018: 308)
- (21) A mãe deixou *os porquinhos* a comerem. (4;4.05) (A.
Gonçalves *et al.* 2018: 308)

Além disso, refere-se que os dados analisados revelaram novas especificidades do PM: "on the one hand, the complementizer *para* also emerges in infinitival complements, besides subjunctive contexts described in Gonçalves and Maciel (1998) and Issak (1998); on the other hand, a new preposition – *a* – is added to the previously noticed ones (*de* and *para*), in the context of infinitival complement clauses" (A. Gonçalves *et al.* 2018: 315).

E, quanto ao estatuto de *para*, conclui-se que é "a complementizer introducing inflected or personal infinitives (the first case is found in both EP and MozP; the latter in MozP) (A. Gonçalves *et al.* 2018: 316).

4. Completivas de *para* no PM: descrição e discussão dos dados

Os dados tomados como base deste estudo revelam que, no PM, a forma *para* é usada para introduzir completivas finitas e as correspondentes não finitas de um mesmo verbo, conforme ilustram os contrastes entre a. e b. de cada exemplo abaixo.

- (22) a. O chefe *pediu para* [que retornassem ao trabalho]. (PM, *DRVPM*)
b. *Pediu para* [dançar com a afilhada]. (PM, *CRPC*)
- (23) a. Ele *mandou* aos guarda-costas *para* [que fossem avisar os presentes]. (PM, *DRVPM*)
b. *Mandou* a mulher *para* [arranjar comida]. (PM, *DRVPM*)

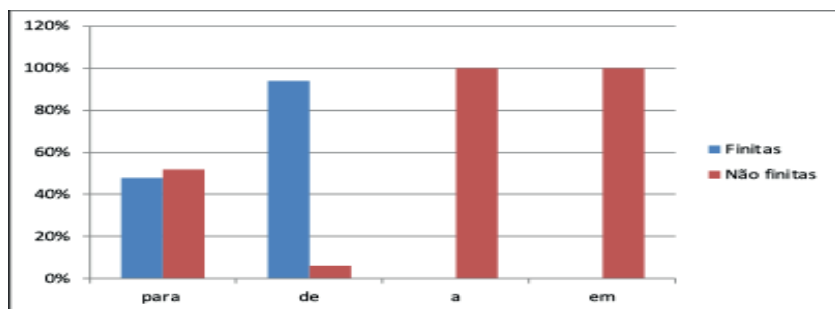
Soares, é possível dizer em PE frases de (20), com a seguinte semântica: (i) *mandar* no sentido de 'enviar' ou num sentido misto de enviar + causativo e (ii) *para empurrar/empurrarem o carro* como uma oração final, e o exemplo de (21), nos seguintes contextos: *Deixar os porquinhos comerem* = não impedir que eles comam. *Deixar os porquinhos a comerem* = sair de junto deles e estes ficarem a comer; "a comerem" é comutável por "comer".

- (24) a. FARP *exortou* aos políticos *para* [que ocupassem o seu espaço]. (PM, *DRVPM*)
b. Guebuza *exorta* a população *para* [combater a pobreza]. (PM, *DRVPM*)
- (25) a. De Klerk *convidou* os dirigentes negros *para* [que se juntem a ele]. (PM, *DRVPM*)
b. *Convido* a todos os músicos *para* [nos ajudarem a resolver os problemas]. (PM, *DRVPM*)

Este fenómeno verifica-se de forma sistemática/não marcada em completivas de verbos diretivos cujo objetivo do ato de fala é que o interlocutor realize uma ação: declarativos de ordem (cf. (22) e (23)) e aqueles que denotam um incitamento (cf. (24) e (25)). Por um lado, estes verbos são prospetivos, já que a situação descrita na completiva se localiza num intervalo de tempo posterior àquela em que se localiza a situação descrita na frase superior. Por outro, são, no geral, ditransitivos, por selecionarem, para além da completiva, um complemento nominal, explícito (cf. (23), (24) e (25)) ou implícito (cf. (22)), que é o destinatário do ato diretivo.

A tendência para introduzir por *para* completivas finitas e não finitas sugere que os falantes do PM estão a uniformizar as propriedades de c-seleção de verbos diretivos. Por um lado, os dados quantitativos relativos à regência de completivas, por diferentes preposições no *DRVPM*, parecem confirmar esta hipótese.

GRÁFICO 1 - Completivas finitas e não finitas regidas por preposições no DRVPM.⁸



Como se pode observar, a preposição *para* é a única que ocorre tanto em completivas finitas como em não finitas, numa significativa e equiparável distribuição. O mesmo não se observa com as outras preposições. A preposição *de* é, no geral, usada com completivas finitas, ao passo que *a* e *em* são apenas usadas com completivas não finitas.

Outro argumento em favor da uniformização das propriedades de c-seleção de verbos diretivos é o facto de a preposição *para* ocorrer quando estes verbos são construídos com complementos nominais:

- (26)
- a. O facto foi dado a conhecer ao "Notícias" por populares na sede do distrito, os quais *pediram* [PP *para* necessidade de instalação de instituições financeiras]. (PM, DRVPM)
 - b. Paulo *recomendou* esta população [PP *para* a necessidade de intensificação de acções de construção de represas comunitárias de baixo custo]. (PM, DRVPM)
 - c. O município não *manda* os camiões [PP *para* a recolha de lixo]. (PM, DRVPM)
 - d. A desgraça *obriga* as mulheres [PP *para* o mercado da prostituição em muitos lugares públicos]. (PM, DRVPM)
 - e. *Convido* a quem for eleito [PP *para* um debate público]. (PM, DRVPM)

⁸ No gráfico 1, a diferença entre completivas finitas e não finitas com *para* corresponde a *para* que vs. *para*.

O facto ilustrado em (26), bem como o facto de a preposição *para* preceder complementos frásicos com verbos diretivos, conduzem a uma outra hipótese de que, no PM, verbos diretivos exibem propriedades de seleção homogéneas, e que tal poderia ser explicada à luz da mudança interna na estrutura argumental destes verbos. Refira-se que, com base em trabalhos anteriores (Issak 1998, P. Gonçalves 2002, 2010), talvez se possa admitir que, numa fase anterior do PM, estes verbos só seleccionavam a preposição *para* quando fossem construídos com complementos frásicos.

De modo a explicar a tendência para introduzir completivas de verbos diretivos por *para*, é necessário considerar-se o facto de estes verbos exigirem o conjuntivo no verbo da completiva finita. Nestes contextos, é tendência do PM para usar esta preposição, como forma de legitimar o modo verbal (cf. Issak 1998, P. Gonçalves e Maciel 1998, e.o.). Além disso, é de admitir que pode estar-se a sobregeneralizar aos verbos diretivos a forma *para* que, no PE, é, por um lado, usada como complementador que introduz completivas não finitas de alguns verbos declarativos de ordem (veja-se (7)) e, por outro, como preposição, que introduz completivas de verbos que denotam um incitamento (27).

- (27) a. Tadeu, por seu lado, *convida* Eugénia *para* sair. (PE, CRPC)
b. Os EUA também *instruíram* as autoridades locais *para* localizar as famílias dos refugiados. (PE, CRPC).
c. O Sr. Garcia Pulido *instou para que* lhe fossem prestadas as informações, há tempos por ele solicitadas refugiados. (PE, CRPC)
d. Tudo isto nos *incentiva para* que metamos ombros a novas tarefas e todos. (PE, CRPC)

Refira-se que, no geral, os verbos que denotam um incitamento seleccionam no PE completivas regidas pela preposição *a* (cf. Barbosa & Raposo 2013) e que os dados de (27), extraídos de *corpora*, ilustram que *para* é igualmente usada.

Por último, há que considerar o facto de os falantes do PM poderem estar expostos a um *input* do PE que é consistente (cf. (28) a (31)), por se observar, tal como no PM, a tendência para introduzir por *para* completivas finitas e não finitas com verbos diretivos.

- (28) a. V. Ex.^a pensa *exigir* ao Governo *para que* se possa pôr

- em prática este projecto de lei. (PE, *CRPC*)
b. *Exigiu* ao clube carioca *para* retirar a queixa que instalou na FIFA. (PE, *CRPC*)
- (29) a. Uma testemunha ouviu Sandra *implorar para que* Neves não disparasse. (PE, *CRPC*)
b. O activista indonésio constatou ainda que Xanana "não está a *implorar* para ser libertado (PE, *CRPC*)
- (30) a. O Comité *exortou* o Alavês *para que* os seus futebolistas deixem de jogar com publicidade nos calções. (PE, *CRPC*)
b. O Procurador de Justiça de Chiapas apelou a população para se manter a calma perante o conflito armado e *exortou* os habitantes das zonas ocupadas *para* se manterem afastados das zonas de combate. (PE, *CRPC*)
- (31) a. Governo britânico *suplica* aos protestantes para que não retaliem. (PE, *CRPC*)
b. O Papa *suplicou* a todos os homens de boa vontade para não se cansarem de ajudar estas populações lançadas na estrada do êxodo e deixadas na miséria. (PE, *CRPC*)

Em relação ao estatuto de *para*, nas completivas seleccionadas por verbos diretivos, defende-se que é no PM uma verdadeira preposição. Relativamente ao PE, mantém-se, apesar de *para* em dados como os de (28) a (31), a reanálise de que é uma locução *para-que* (cf. Barbosa 2013) ou um complementador, porque os argumentos a favor de *para* ser uma preposição só são válidos para o PM. Tais argumentos são os seguintes:

No PM, mas não no PE padrão (Duarte 2000, 2003), a forma *para* coocorre com o complementador *que*, nas completivas finitas de um número significativo de verbos (cf. tabela 1) e de forma não marcada.

TABELA 1 - Verbos que seleccionam complementos finitos regidos por *para*

agradecer, aconselhar, apelar, autorizar, convencer, convidar, comunicar, dizer, exigir, exortar, incentivar, informar, instar, instruir, implorar, mandar, obrigar, ordenar, planificar, pedir, propor, orientar, recomendar, requerer, rogar, solicitar, sugerir e suplicar

Outro argumento em favor de *para* ser uma preposição é o facto de no PM, e não no PE, poder-se retomar anaforicamente por *isso* a completiva, finita e não finita, seleccionada por verbos diretivos, precedida de *para*:⁹

- (32) a. O chefe *pediu para* [que retomassem o trabalho]. (PM, *DRVPM*)
a' *?O chefe *pediu para isso* (isso = que retomassem o trabalho)
- (33) a. *Rogo para* [que me auxiliem no sentido de conseguir reaver o meu colchão].
a'. *Rogo para isso* (isso = que me auxiliem no sentido de conseguir reaver o meu colchão).
- (34) a. *Disse para* [pô-la logo ao lume]. (PM, *CRPC*)
a'. *Disse para isso* (isso = pô-la logo ao lume).
- (35) a. *Mandou a mulher para* [arranjar comida]. (PM, *DRVPM*)
a'. *Mandou a mulher para isso*. (isso = arranjar comida)
- (36) a. *Convido a todos os músicos para* [nos ajudarem a resolver os problemas]. (PM, *DRVPM*)
a'. *Convido a todos os músicos para isso*. (isso = nos ajudarem a resolver os problemas).

Note-se adicionalmente que por, no PM, se tratar de uma preposição, com alguns verbos diretivos, a sua ocorrência é obrigatória:

- (37) a. **Convido a todos os músicos isso*.
b. **Mandou a mulher isso*. (Esta frase pode ser aceitável se o sentido for diferente de diretivo, isto é, *Mandar a mulher para isso*).

⁹ No PE, tem sido defendido que a forma *para* que introduz completivas seleccionadas por verbos declarativos de ordem (e.g., *pedir, dizer, rogar, insistir, solicitar, implorar*) não ocorre enquanto elemento introdutor de complementos nominais (cf. Barbosa & Rodygina 2011: 58):

a. Disseram-me *para* falar com ele.

b. *Disseram-me *para* isso.

No PM, o facto de (32a') ser estranho ou agramatical (para alguns falantes do PM) aponta para *para* ser um complementador. Considerando, entretanto, a ocorrência de *para* com complementos nominais seleccionados por *pedir* (cf. (38a)), conclui-se que, nas completivas seleccionadas pelos verbos *pedir, para* pode ter um estatuto ambíguo: um *complementador* (com 32a') e uma *preposição* (com dados de 38a).

Por último, defende-se que *para* é uma preposição, porque, ao contrário do PE, alguns dados do PM já apontam para a ocorrência de *para*, quando verbos diretivos se constroem com argumentos internos nominais:¹⁰

- (38) a. O facto foi dado a conhecer ao "Notícias" por populares na sede do distrito, os quais *pediram para* [necessidade de instalação de instituições financeiras]. (PM, *DRVPM*)

¹⁰ Um dos revisores sugeriu que se explorasse testes adicionais para avaliar o estatuto categorial de 'para', por exemplo a cliticização, na linha de Magro (2005); Barbosa & Rodygina (2011), ou, por hipótese, testes de extração. Quanto à cliticização, os poucos casos relevantes que ocorrem, nos dados analisados, são de próclise (cf. (i)), o que aponta para *para* ter nesses casos o estatuto de complementador.

a. Lembrou da Sara e disse *para* *lhe* escrever. (PM, *CRPC*)

b. Ordenavam aos carros *para se* movimentarem. (PM, *DRVPM*)

c. *Convido* a todos os músicos *para nos* ajudarem a resolver os problemas. (PM, *DRVPM*)

Entretanto, nestes contextos não é seguro concluir-se que, no PM, *para* é interpretado como um complementador por duas razões: a primeira é que se verifica a próclise em contextos em que a completiva é oblíqua, ou seja, *para* é uma verdadeira preposição (cf. exemplos *b* e *c*). A segunda razão tem a ver com o facto de, seguindo Hagemeyer (2016), vários trabalhos sobre o PM destacarem que se privilegia a colocação enclítica com formas verbais simples, mesmo na presença de atratores de próclise; e, em geral, verificar-se muita instabilidade nos padrões de colocação dos clíticos.

Ainda assim, e por falta de dados relevantes, nos *corpora*, para avaliar *para preposição ou complementador*, num inquérito que consistiu em solicitar a 25 informantes, universitários, para colocarem o pronome clítico ou em posição enclítica ou proclítica a forma verbal flexionada de completivas infinitivas com verbos declarativos (*pedir, dizer, solicitar e exortar*), o padrão enclítico é predominante, em 66%, contrariando, deste modo, o que acontece nos dados de observação. No quadro que se segue, apresentam-se os resultados obtidos em cada completiva infinitiva com a forma flexionada:

TABELA 2 - Resultados do inquérito (tarefa de produção provocada)

Estruturas	Próclise	Ênclise
<i>Pedir aos filhos para</i> + infinitivo flexionado	13/52%	12/48%
<i>Dizer aos vereadores para</i> + infinitivo flexionado	8/32%	17/68%
<i>Solicitar aos alunos para</i> + infinitivo flexionado	7/28%	18/72%
<i>Exortar os atletas para</i> + infinitivo flexionado	6/24%	19/76%

Como se pode observar, tanto em contextos em que no PE a próclise é categórica, com os verbos *pedir, dizer e solicitar* (cf. Barbosa & Rodygina 2011), assim como em contextos em que há variação entre a ênclise e próclise, como por exemplo com o verbo *exortar*, no PM há sempre variação, confirmando o que já se disse acima, citando Hagemeyer (2016).

Quanto a testes de extração, deixa-se a sua aplicação às completivas do PM para um trabalho futuro, por a análise e discussão dos seus resultados ultrapassarem os limites deste estudo. Ainda para um trabalho futuro, acolhe-se a sugestão de avaliar a relação entre completivas do PM e orações finais.

- b. Paulo *recomendou* esta população *para* [a necessidade de intensificação de acções de construção de represas comunitárias de baixo custo]. (PM, *DRVPM*)
- c. O município não *manda* os camiões *para* [a recolha de lixo]. (PM, *DRVPM*)
- d. A desgraça *obriga* as mulheres *para* [o mercado da prostituição em muitos lugares públicos]. (PM, *DRVPM*)
- e. *Convido* a quem for eleito *para* [um debate público]. (PM, *DRVPM*)

Portanto, os argumentos empíricos acima expostos demonstram que *para* é externo à oração completiva finita e não finita (CP). Por isso, o CP não é diretamente selecionado por verbos diretivos, mas sim pelo núcleo de PP, conforme o padrão sintático abaixo:

- (39) ...*pedir/ dizer/ implorar/ convidar/ exigir/ exortar*. [(DP ou PP)] [PP [_{P'} *para*] [CP]].

Nesse sentido, conclui-se que, no PM, completivas de *para*, finitas e não finitas, selecionadas por verbos diretivos são complementos oblíquos/PP.¹¹

5. Considerações finais

A presente investigação teve como principal objetivo descrever completivas, finitas e não finitas, selecionadas por verbos diretivos, no PM. A observação e análise de dados extraídos do DRVPM e do CRPC permitem confirmar a tendência do PM para marcar por preposições completivas finitas (Issak 1998, P. Gonçalves 2010 e.o.) e não finitas (A. Gonçalves *et al.* 2018). De um modo mais particular, conclui-se que a preposição *para* é tipicamente usada para introduzir completivas finitas e não finitas selecionadas por verbos diretivos. Desta generalização, deduziu-se a hipótese de que existe uma tendência para a uniformização das propriedades de c-seleção dos verbos diretivos e a hipótese de que *para* é uma verdadeira preposição. A primeira tese foi confirmada com base em dados quantitativos

¹¹ Relativamente ao PE, são OBL apenas as completivas de verbos que denotam incitamento. Apesar da preposição *para* (cf., por exemplos, (28) e (29)), completivas de verbos declarativos de ordem são ODS.

relativos à distribuição de *para* em completivas finitas e não finitas, e pelos dados que apontam para os verbos diretivos exibirem propriedades de seleção homogéneas. De modo a explicar tal hipótese, considerou-se que *para* é usado para legitimar o modo conjuntivo selecionado pelos verbos das orações completivas, na linha de Issak (1998), P. Gonçalves (2010), entre outros, e a sobregeneralização de *para* que ocorre, no PE, nas completivas com verbos diretivos quer como complementador, quer como preposição.

A segunda tese defendida neste artigo é de que *para* que introduz completivas selecionadas por verbos diretivos é uma verdadeira preposição, e não complementador (Duarte 2003, Barbosa & Raposo 2013, A. Gonçalves *et al.* 2018), locução conjuncional *para que* (cf. Barbosa 2013 para o PE) ou complementador complexo *para-que* (cf. P. Gonçalves 2002, 2005 ou 2010 para o PM). Para o efeito, demonstrou-se que *para* é externa à oração completiva. Ou seja, ao contrário do PE, nas completivas finitas com verbos diretivos, *para* pode coocorrer com o complementador *que*, de forma não marcada; completivas de *para* do PM podem ser retomadas anaforicamente por demonstrativos como *isso* precedida dessa preposição (exceto com verbos *dizer* e *pedir* que parece estar num estádio entre *preposição* e *complementador*), e que a preposição *para* pode igualmente ocorrer, quando verbos diretivos se constroem com argumentos internos nominais. Em conclusão, no PM, completivas de verbos diretivos, finitas e não finitas, introduzidas por *para*, são complementos oblíquos, ao passo que, no PE, são, apesar de *para*, ODs, quando selecionados por verbos declarativos de ordem, e OBL, quando selecionados por verbos que denotam incitamento.

Neste artigo, as hipóteses defendidas foram avaliadas e sustentadas por dados de observação e de interfalantes, o que não permitiu discuti-las, analisando se o mesmo falante que usa *para* nas completivas finitas de verbos diretivos também recorre a essa mesma preposição na correspondente não finita destes verbos. Por isso, está-se consciente de que fica em aberto a discussão das hipóteses defendidas neste trabalho, com base numa pesquisa quantitativa em que se considerem dados experimentais de falantes do PM.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, P. (2013). Subordinação argumental finita. In: E. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (pp. 1821-1897). Fundação Calouste Gulbenkian.

- Barbosa, P., & Raposo, E. P. (2013). Subordinação verbal infinitiva. In: E. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (pp. 1899-1977). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Barbosa, P., & Rodygina, O. (2011). A colocação dos pronomes átonos em orações infinitivas no português europeu. *Diacrítica*, 25 (1), 47-72.
- Chimbutane, F., Langa, D., Lauchande, C., & Lopes, L. (no prelo). *Padrão linguístico de Moçambique: análise dos dados do IV Recenseamento Geral da População e Habitação de 2017*. INE.
- Duarte, I. (2000). *Língua portuguesa – instrumentos de análise*. Universidade Aberta.
- Duarte, I. (2003). Subordinação completiva - as orações completivas. In: M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 593-640). Caminho.
- Larsen-Freeman, D., & Long, M. (1991). *An introduction to second language acquisition research*. Addison Wesley Longman Ltd.
- Gonçalves, A., Santos, A. L., Duarte, I., & Justino, V. (2018). The acquisition of infinitival complements to causative verbs in Mozambican Portuguese. In: A. L. Santos, & A. Gonçalves (Eds.), *Complement clauses in portuguese: adult syntax and acquisition*. John Benjamins Publishing.
- Gonçalves, P. (2002). The role of ambiguity in second language change: the case of Mozambican African Portuguese. *Second Language Review*, 18 (4), 325-347.
- Gonçalves, P. (2005). Falsos sucessos na aquisição do Português L2: papel da ambiguidade na génese do Português de Moçambique. *Revista da ABRALIN*, 1/2 (4), 47-73.
- Gonçalves, P. (2010). *A génese do português de Moçambique*. Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Gonçalves, P. (2016). Competências múltiplas das novas gerações de falantes de português em Moçambique: Desafios para a teoria e para a planificação linguística. In: R. Teixeira e Silva (Org.), *Contextos de formação de novas gerações de falantes de português no mundo: Perspectivas em política, história, língua e literatura (Coleção Encontros da Língua Portuguesa)* (pp. 97-112). Instituto Politécnico de Santarém.
- Gonçalves, P. (2013). O português em África. In: E. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.),

- Gramática do Português* (pp. 157-168). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, P. (2020). Dicionário de regência do português de Moçambique: potencialidades para a pesquisa linguística. In: P. Gonçalves, & V. Justino (Orgs.), *Caderno de Pesquisa nº 3: regência verbal no português de Moçambique: exercícios* (pp. 61-75). Imprensa Universitária.
- Gonçalves, P., & Maciel, C. (1998). Estruturas de subordinação na aquisição do português/língua segunda. In: P. Gonçalves (Org.), *Mudanças do português em Moçambique: Aquisição e formato de estruturas de subordinação* (pp. 15-66). Livraria Universitária/Universidade Eduardo Mondlane.
- Gonçalves, P., & Justino, V. (s/d). *Dicionário de Regência de Verbos do Português de Moçambique*. Cátedra de Português. <https://catedraportugues.uem.mz/drvpm>
- Guissem, M. (2002). *A relevância dos factores sociais escolaridade/profissão na variação linguística do português oral de Maputo: O caso dos complementos oracionais seleccionados pelo verbo dizer* [Tese de Mestrado]. Universidade Eduardo Mondlane.
- Hagemeyer, T. (2016). O português em contacto em África. In: A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 43-67). De Gruyter.
- Issak, A. (1998). Estruturas de complementação verbal do português de Moçambique. In: P. Gonçalves (Org.), *Mudanças do português em Moçambique: Aquisição e formato de estruturas de subordinação* (pp. 67-110). Universidade Eduardo Mondlane e Livraria Universitária.
- Magro, C. (2005). Introdutores de Orações Infinitivas. O que diz a sintaxe dos clíticos. In: *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 649-664). Lisboa.
- Mönnink, I. (1999). Combining corpus and experimental data. *Internacional Journal of Corpus Linguistics*, 4 (1), 77-111.